

SÔBRE A MÔÇA FANTASMA

RUBEM BRAGA

CARLOS Drummond de Andrade tem um poema sôbre a Môça Fantasma, o que prova que, ela existiu. Com certeza não existe mais, e se existe não é mais uma jovem, e sim uma dama cinquentona — pois foi por volta de 1932 que nós a conhecemos.

A primeira notícia que tivemos da Môça foi pela madrugada. Não me lembro de tôda a roda: o Newton Prates, diretor do vespertino, o Otávio Xavier, secretário da redação, e pelo menos dois redatores, o falecido Orlando Rocha e eu; isso foi em Belo Horizonte. Monzeca estava? Sim, Monzeca devia estar. O único realmente astral de nós quatro era Orlando, chamado o Furioso. Tinha sido escoteiro, o que me parecia espantoso, pois não tinha nenhum jeito de escoteiro. Era muito jovem, mas viajado: fôra a um Jamboree na Inglaterra. Acabada a reunião, todos os milhares de escoteiros voltaram a seus países, mas cadê Orlando? A delegação brasileira voltou, menos Orlando. Seu pai era um pintor, um homem bom que se deleitava em fazer imensos crepúsculos caíndo sôbre o Rio São Francisco; consequentemente mobilizar nossos diplomatas em Londres para encontrar Orlando.

Londres é imensa, e o rapaz custou a aparecer; es-

tava sem uniforme, pois, encerrado o Jamboree, considerava encerrada sua vida de escoteiro. Foi assim mesmo, ou-será que eu ainda conheci o Orlando vestido de escoteiro? Tenho a memória fantasista; não sei. Lembro-me que uma senhora inglesa de meia-idade conhecera o rapazola mineiro e resolvera, naquele mesmo dia, praticar uma boa ação; tirou-o do acampamento, comprou-lhe roupa de paisano, levou-o para sua casa e ficou morando com êle.

Como as inglesas são muito sérias, é de supor que pretendesse se casar com êle, mas não seria fácil casar alguém com passaporte de escoteiro; é possível que tenham casado em alguma igreja de alguma religião, pois Orlando era muito de fazer essas coisas, embora não gostasse de contá-las.

Essa dama de Londres talvez fôsse, ela também, fantasma; o fato é que reteve sua prêsa vários meses; quando voltou a Belo Horizonte, Orlando estava nessa posição de um môço que não sabe exatamente o que vai fazer na vida, não tem vontade de estudar nada, nem quer pegar um trabalho sério: assim, como todos nós, resolveu ser jornalista. (Amanhã acabo de contar a história da Môça.)

DN 27.12.67